

Punir bem pode requerer punir pouco

Decisões de juízes e tribunais afetam sua própria autoridade

Bernardo Guimarães

Doutor em economia pela Yale, foi professor da London School of Economics (2004-2010) e é professor titular da FGV EESP

Eleições, leis, decisões do Executivo e do Judiciário só afetam o que acontece no mundo porque pessoas acreditam que elas afetam o que acontece no mundo.

A primeira vista, essa observação pode parecer estranha. Afinal, eleições determinam governantes e deputados. Medidas de estímulo direcionam bilhões de reais coletados das pessoas às empresas beneficiadas. Emendas parlamentares mandam recursos aos locais escolhidos pelos deputados. Decisões de ministros do STF (Supremo

Tribunal Federal) levam forças policiais a apreenderem documentos e prenderem pessoas. Tudo isso parece acontecer de forma quase automática. Em geral, não precisamos pensar como eleições e atos dos poderes estabelecidos se fazem valer. Mas por trás de qualquer medida, há alguém que escolhe executar. Não há força extraterrestre garantindo o poder de eleições, leis e decisões judiciais. Tudo depende da ação de outras pessoas.

Por exemplo, policiais seguem as ordens de seus superiores

para acreditar que sofrerão consequências se não os obedecerem. Os chefes da polícia acreditam que devem acatar e executar as decisões dos tribunais, pois caso contrário, serão, de alguma forma, punidos. Assim, decisões de juízes e de ministros do STF viram atos. Em sistemas que funcionam perfeitamente, essas observações parecem estranhas à primeira vista e são pouco relevantes na prática. Eleições e decisões dos poderes estabelecidos se fazem valer e nem passa pela nossa cabeça que pode

ria ser diferente.

Às vezes, essas questões passam a ter relevância. Várias notícias recentes tocam nessa questão. A primeira foi a suspensão das multas à Odebrecht pelo ministro do STF Dias Toffi, que já havia tomado decisões parecidas antes.

Nos dias de 2016, a Operação Lava Jato mostrou seu poder com inúmeros delações e acordos de leniência, diversas prisões de políticos e grandes empresas e muitas bilhões de reais. Recentemente, condenações e multas foram anuladas. Por

que isso demorou tanto? Analisar tecnicamente os casos requereria tanto tempo? Pode ser. Mas parece que era mais curioso o contrário a Lava Jato em 2016.

Em parte, isso se dava porque a opinião pública afetava interesses de quem precisa de votos nas eleições, e a operação era extremamente popular antes de políticos como Lula serem presos (e de personagens centrais se tornarem ministro no governo Bolsonaro ou candidatos ao legislativo). E em parte, podemos presumir, porque quanto mais gente com poder se que puniu, menos gente sobria com interesse de executar a punição.

Portanto, é possível que paradoxalmente, se menos gente tivesse sido condenada, mais condenações existiriam hoje — independentemente do mérito jurídico das condenações. Ape- nas porque haveria mais interesse em manter as punições,

ou menos força para anulá-las. A segunda envolveu o ministro Alexandre de Moraes, o ex-presidente Jair Bolsonaro e ex-unidos sobre golpe de Estado. Há questões jurídicas sobre o que constitui crime e quem infringiu a lei.

Um argumento que ouço com frequência é que generais e deputados que subiram das reuniões e não denunciaram ou agiram ativamente para expor o que acontecia têm culpa. A meu ver, como no caso anterior, que punir demais é caminho seguro para não haver punição. Por fim, tem-se discutido porque um golpe não aconteceu. Uma explicação sugerida por muitos é que países estrangeiros reconheceriam como presidente quem fosse declarado vencedor pelo TSE. O chefe é quem a gente acha que deve obedecer. Se o mundo exterior não acredita que você é presidente, você não é.

JOÃO: Samuel Passalú | SÃO: Marcos de Vasconcelos, Ronaldo Lemos | TÍTUL: Michael França, Cecilia Machado | QUAD: Bernardo Guimarães | QUAD: Cida Bento, Solange Smur | SEX: André Rencaglia | SÃO: Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan



Homem anda de bicicleta ao lado de postes de linhas de energia em Frankfurt, na Alemanha. (Karl Heidegger - 8 fev/24/APP)

Alemanha pode deixar para trás dias de potência industrial

País sofre consequências econômicas de transição energética, crise demográfica e dependência da China

BLOMBERG. Em uma intensa sala de produção em Düsseldorf no outono passado (primeira metade de 2023), os tons sombrios de uma fábrica de trocas acompanham o ato final de uma fábrica centenária.

Em meio ao tremor de detritos e arcos, muitos das 1.600 pessoas que perderam seus empregos permaneceram impassíveis enquanto o metal incandescente do último produto da fábrica — um tubo de aço — era alçado até se tornar um cilindro perfeito em um laminador.

A cerimônia marcou o fim de uma trajetória de 124 anos que começou no auge da industrialização alemã e resistiu a duas guerras mundiais, mas não conseguiu sobreviver às consequências da crise energética.

Horvários exemplos de finais semelhantes ao longo do último ano, destacando a dolorosa realidade que a Alemanha enfrenta: seu dia como uma superpotência industrial podem estar chegando ao fim. A produção manufatureira na maior economia da Europa tem apresentado uma tendência de queda desde 2017, e a queda está se acelerando à medida que a competitividade diminui.

"Não há muita esperan-

ça, sejamos honestos", disse Stefan Klebert, CEO da GEA Group AG — fornecedora de máquinas de fabricação que remonta ao final do século 19.

Os alertas da máquina industrial da Alemanha estão calando como dominós. Os Estados Unidos estão se afastando da Europa e buscando competir com seus aliados transatlânticos em investimentos climáticos.

A China está se tornando um concorrente maior e não é mais um comprador insaciável de produtos alemães. O golpe final para alguns fabricantes pesados foi o fim dos volumes enormes de gás natural barato da Rússia.

Ao lado da volatilidade global, a paralisação política em Berlim está intensificando problemas domésticos de longo prazo, como infraestrutura precária, falta de trabalho enérgico e emaranhado de burocracia.

O sistema educacional, antes uma força, é emblemático de uma falta de investimento de longo prazo em serviços públicos. O Instituto de Pesquisa Ifo estima que a queda nas habilidades matemáticas custará à economia cerca de € 14 bilhões em produção até o final do século.

Em alguns casos, a desaceleração industrial está ocor-

Se a Alemanha não puder exportar de forma competitiva no contexto internacional, o país perderá uma de suas maiores forças

Maria Röttger
chefe de norte da Europa da Michelin

Estou realmente incerto se podemos deter essa tendência. Muitas coisas teriam que mudar muito rapidamente

Stefan Klebert
CEO da GEA Group AG

Não é apenas energia. Também é disponibilidade de pessoal na Alemanha, que agora está muito tensa

Klaus Gellidörfer
CEO da EBM-Papst

lhares de pessoas tenham saído às ruas nas últimas semanas para protestar contra o extremismo de direita, o partido anti-imigração Alternativa para a Alemanha, ou AfD, está à frente de todos os três partidos governantes nas pesquisas — atrás apenas do bloco conservador.

A aliança liderada pelo social-democrata Scholz tem o apoio de 34% dos eleitores, de acordo com uma análise recente das pesquisas pela Spiegel.

A perda de competitividade industrial ameaça mergulhar a Alemanha em uma espiral descendente, segundo Maria Röttger, chefe de norte da Europa da Michelin.

A fabricante francesa de pneus está fechando duas de suas fábricas alemãs e reduzindo o tamanho de uma terceira até o final de 2025, afetando mais de 1.500 trabalhadores. O rival americano Goodyear tem planos semelhantes para duas instalações.

"Apesar da motivação de nossos funcionários, chegamos a um ponto em que não podemos exportar pneus de caminhão da Alemanha a preços competitivos", disse ela em uma entrevista.

Outros exemplos de declínio surgem regularmente. A GEA está fechando uma fábrica de bombas perto de Mainz em favor de um local mais novo na Polónia.

A fabricante de autopeças Continental AG anunciou planos em julho para abandonar uma unidade que produz componentes para sistemas de segurança e freios.

A concorrente Robert Bosch GmbH está em processo de redução de milhares de trabalhadores.

A crise energética no verão de 2022 foi um grande catalisador. Embora cenários pessimistas como casos congelados e raciocínio tenham sido evitados, os preços continuam mais altos do que em outras economias, o que aumenta os custos com salários mais altos e complexidade regulatória.

Um dos setores mais afetados foi o químico — resultado direto da perda da Alemanha de gás russo barato. Com a transição para o hidrogênio limpo ainda incerta, quase

uma em cada dez empresas planeja interromper permanentemente os processos de produção, de acordo com uma pesquisa recente da associação industrial VCI.

A BASF SE, maior produtora química da Europa, está cortando 6.000 empregos e a Lamex AG está reduzindo a equipe em 7%.

A burocracia lenta da Alemanha também não está acompanhando, mesmo quando as empresas estão dispostas a investir.

A GEA testou capacidade solar em uma fábrica na cidade

de alemã de Oelde, onde fabrica equipamentos que podem separar creme do leite. Ela solicitou permissões para alimentar a energia em janeiro passado, dois meses antes de iniciar a construção, e ainda está aguardando aprovação — quase dois anos após iniciar o projeto.

A escassez de energia veio logo após as interrupções causadas pela pandemia, que levaram a lentidão de montagem paradas enquanto os fabricantes de automóveis alemães esperavam meses por chips e outros componentes, destacando os riscos de depender de uma rede de fornecedores distantes, especialmente na Ásia.

A China está causando problemas para a Alemanha de várias maneiras. Além de sua mudança estratégica para a fabricação avançada, uma desaceleração da economia da superpotência asiática está minando ainda mais a demanda por produtos alemães.

Ao mesmo tempo, a concorrência barata da China ocupa setores-chave para a transição climática da Alemanha — não apenas carros elétricos.

Os fabricantes de painéis solares estão fechando operações e reduzindo a equipe, pois lutam para competir com concorrentes chineses apoiados pelo Estado. A Solarwatt GmbH, com sede em Dresden, já reduziu 10% de sua força de trabalho e pode transferir a produção para o exterior se a situação não melhorar neste ano, segundo o CEO Detlef Neuhäus.

Os ventos contrários da Alemanha exigem adaptação. Para a EBM-Papst, produtora de ventiladores, a crise industrial significou adquirir um fornecedor em dificuldades, E, para se manter ágil, a empresa transferiu a produção para componentes de bombas de calor e centros de dados, afastando-se do setor automotivo.

Também está procurando transferir algumas tarefas administrativas para o leste europeu ou Índia.

"Não é apenas energia", disse o CEO Klaus Gellidörfer em uma entrevista. "Também é a disponibilidade de pessoal na Alemanha, que agora está muito tensa".

Em uma década, a população em idade de trabalho será muito pequena para manter a economia funcionando como hoje, acrescentou.

O Bundesbank concluiu em um relatório de setembro que uma queda na manufatura — que representa pouco mais de 20% da economia, quase o dobro do nível dos Estados Unidos — não é preocupante, se for gradual. Essa tendência pode significar o fim da estrada para fabricantes mais baratos, como a fábrica de tubos em Düsseldorf, Wilfried Eckel-Dorow, Jana Randow, Carsten Look e Petra Sörgel.